



VII Colóquio Internacional São Cristóvão/SE / Brasil
"Educação e Contemporaneidade" 19 a 21 de setembro de 2013
ISSN 1982-3657



JOVENS RURAIS E ESCOLARIZAÇÃO: APOIO FAMILIAR, INDIVIDUALIZAÇÕES E REPETÊNCIA E DIFICULDADES ESCOLARES

Isabela Gonçalves de Menezes[1]

Eixo Temático: Educação, Trabalho e Juventude

RESUMO

Recorte de uma dissertação de mestrado em educação, neste artigo discute-se sobre algumas das experiências rurais do sertão sergipano vivenciadas na escola urbana de ensino médio regular: se recebem o apoio estudar; as dificuldades enfrentadas na escola e quais as atitudes para superá-las; a repetência escolar e o além de uma breve discussão sobre as individualizações juvenis. Com base nas respostas, pode-se afirmar pesquisados são apoiados pelos parentes para que estudem; mas enfrentam diversas dificuldades na e maioria tem alguém para ajudá-los; não obstante, a maior parte dos jovens já foi reprovada, alguns até cinco

Palavras-chave: Escola urbana. Jovens rurais. Escolarização.

RESUMEN

Recorte de una disertación de maestría en educación, en este artículo se analizan algunas de las experiencias rurales del sertão sergipano vividas en la escuela urbana del ensino secundário: si reciben el apoyo de l estudio; las dificultades que enfrentan en la escuela; sus actitudes para superarlas; el fracaso escolar y : como una breve discusión acerca de las individualizaciones juveniles. Basándose en las respuestas obtidas s que los sujetos pesquisados reciben el apoyo de los familiares para estudiar; pero enfrentam muchas d escuela. Cuanto a los que sienten dificultad, la mayoría tiene alguien que les ayude; sin embargo, la ma jóvenes ha sido reprobada, algunos hasta cinco veces.

Palabras clave: Escuela. Juventud rural. Escolarización.

INTRODUÇÃO

A escola, além de ser concebida como caminho privilegiado para a ampliação da experiência de vida culminaria com sua inserção no mundo do trabalho; destaca-se também como importante espaço de socia provedora de ensinamentos para o dia a dia, pois compete com os pais na socialização dos filhos e pode ir no universo das relações familiares (SPOSITO, 2005; CARNEIRO, 2005), daí a importância de se pesquisar a identidades juvenis e cultura escolar.

Neste artigo – recorte de uma dissertação de mestrado em educação[2] que teve por objetivo inve

relacionadas às identidades culturais de jovens rurais do sertão sergipano, estudantes do ensino médio reurbanas –, discute-se sobre o(s) sentido(s) de ir à escola e de estudar para os jovens rurais e algumas das elas vivenciadas ao frequentar a instituição escolar: se recebem o apoio da família para estudar; se senter em caso de resposta afirmativa, qual a atitude para superá-las; além de enfocar a repetência escolar e o qu acordo com o ponto de vista daqueles que foram reprovados.

CAMPO EMPÍRICO E POPULAÇÃO PESQUISADA

O território Alto Sertão Sergipano, formado por sete municípios do Estado de Sergipe, está incluído no Polí apresenta clima quente do tipo semiárido e precipitação pluviométrica média anual da ordem de 500 a 71 suas características – constituindo-se na atividade econômica preponderante e culturalmente determinante d sertaneja – é a atividade pastoril. Essa região é a bacia leiteira sergipana, predominantemente assentac unidades produtivas de base familiar, em uma estrutura fundiária altamente fragmentada, em que 90% d representadas por minifúndios com menos de 30 ha, produzindo pequenos volumes de leite, da ordem de constituindo-se na principal fonte de renda e forma de inserção no mercado (DIAGNÓSTICOS, 2008).

Dentre os municípios que compõem o Alto Sertão, Nossa Senhora da Glória foi selecionado como campo de o mais populoso, pólo econômico regional e por possuir duas escolas públicas que atendem a estudantes or municípios do território, com o maior número de matrículas no ensino médio da região.

Nas escolas onde a pesquisa foi realizada, no ano letivo 2010, havia 265 estudantes de origem rural matrici médio regular, correspondendo a 30% do total de alunos matriculados nesse nível de ensino. A amostra d 194 jovens rurais, sendo 132 mulheres e 62 homens. Um questionário, composto de perguntas fechadas instrumento utilizado na pesquisa.

Na sequência, será apresentada a análise das respostas às seguintes perguntas: Seus parentes aprovam que que você pensa isso Você sente ou já sentiu alguma dificuldade na escola Se você respondeu sim, po dificuldade Você fez ou faz alguma coisa para superar as dificuldades Se respondeu sim, o que você fez Qu dificuldades na escola, alguém lhe ajuda a superá-las Se você respondeu sim, quem te ajuda Você já re respondeu sim, quantas vezes repetiu de ano Por que você repetiu de ano Você se considera um bom aluno

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A aprovação dos parentes

À pergunta “seus parentes aprovam que você estude”, 100% dos homens responderam “sim”; no enta respondeu “mais ou menos” e duas informaram que eles “não” aprovam (tabela 1). Estas jovens pensar segundo seus depoimentos, “com relação aos meus pais, para que eu possa estudar, tenho que entrar em eles. Porém, meu tio e minha irmã não aprovam, pois eles falam que quem estuda é vagabundo”, expli primeira moça, enquanto que as outras duas expuseram: “porque meu pai sempre diz que a escola não t nossos sonhos são apenas ilusões” e “porque eles acham que não é uma boa ideia estudar, pois enfrento m para chegar à escola por causa dos transportes”.

Tabela 1 – Respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em duas escolas públicas Sergipano, à pergunta “Seus parentes aprovam que você estude”, 2010/2011

Respostas	Homens	%	Mulheres	%	Total	%
Sim	62	100,0	129	97,7	191	99,3
Não	0	0	2	1,5	2	1,0
Às vezes	0	0	1	0,8	1	0,5

Total	62	100,0	132	100,0	194	1
-------	----	-------	-----	-------	-----	---

Fonte: MENEZES, 2012.

Esta pergunta foi formulada levando-se em conta observações empíricas no local desta pesquisa: que os rurais, geralmente, desaprovam que estes saiam à noite e sozinhos, sobretudo as moças, que nem sempre de chegarem tarde à casa. A partir disso, depreende-se que todos os homens responderam afirmativamente, ter sido alto o índice de parentes favoráveis à ida das moças à escola (97,7%) – o que denota mudança de mundo rural, pois as moças viajam em transporte coletivo e muitas estudam à noite –, mesmo assim mulheres que, em relação aos estudos, ficam sem o apoio da família[3].

Os jovens rurais, cujos parentes aprovam o estudo, responderam que o motivo principal consiste no fato de estudarem e, por isso, incentivam os filhos a estudar, aliás, “dão força”, “insistem”, pois sabem que o “aprendizagem” e sinônimo de “garantia de um futuro melhor” mediante um “bom emprego”. Com efeito interessa pela educação dos mais jovens e o encorajamento dos pais é fundamental, como divulgou textualmente “é muito importante para mim ter o apoio de minha família, só assim eu tenho mais entusiasmo para continuar”.

As moças demonstraram a aprovação de seus parentes, quando afirmaram: “antes a maioria dos meus familiares me incentivava a estudar e eles me incentivam a ir à escola”; “porque eles antes não tinham oportunidade que eu estou tendo agora e eles me incentivam a ir à escola”; “porque eles antes não tinham para estudar e hoje eles não sabem ler e nem sabem fazer o nome direito, por isso me incentivam”; “por quando perguntam: ‘que série você estuda’; aí eu digo: ‘primeiro ano’; aí eles dizem: ‘minha filha, estude nas umas das coisas melhores que existem’”; “porque meus pais apoiam e me incentivam para que eu consiga meu futuro e me realizar profissionalmente”; “porque, para eles, sempre será grande privilégio ter alguém que dedicou bastante aos estudos”; “porque eles sempre me incentivaram a seguir o meu desejo e é claro que ser estudante, desempenhando o meu dever de boa aluna” e “porque eles me dão apoio. Houve uma vez que eu quis desistir, mas eles me deram conselho para que eu não desistisse”.

Os rapazes, cujos parentes concordam com o estudo, deram respostas semelhantes às das moças, tais como: “para o futuro eu não sofro o quanto os meus parentes sofrem, tendo que trabalhar no nosso sítio e não sabendo ler e escrever, não tenho o maior apoio, pois querem que eu tenha um futuro melhor que eles não tiveram”; “porque as pessoas que não estudaram nenhuma cursaram [sic] a faculdade, é um sonho pra eles me verem no topo dos meus estudos”; “minha mãe acha que estudando eu vou poder ter uma vida boa no futuro e, claro, vou poder fazer o que ela não fez” e “perco aula eles ficam me questionando porque eu não fui e me dão uma boa xinga [sic]”. Não obstante, alegou que seus pais aprovam desde que haja um retorno financeiro quando o filho tiver um emprego e para, assim, ajudá-los.

Com relação ao estudo na cidade, um jovem respondeu: “porque, como eles moram na zona rural, me apoiam para que eu busque mais oportunidades de uma escola melhor na cidade”. Quanto a algum auxílio no momento de fazer o estudo para as provas, foram poucos os jovens rurais que se manifestaram a esse respeito, até mesmo porque os pais têm como ajudá-los, pois, como visto, os parentes aprovam justamente porque não estudaram. Desses jovens, ir à escola é uma oportunidade que os mais velhos não tiveram.

Algumas moças expuseram o “gosto pelo estudo” ao ponto de afirmarem que, mesmo se não tivessem o apoio dos parentes, continuariam a frequentar a escola. Conforme suas palavras: “estudar é decisão minha, eu tenho que estudar porque é minha própria história, então se eu gostar de estudar, eles também têm que gostar”; “sem estudo hoje vou ficar sem nada e mesmo se eles não me apoiassem eu estudaria do mesmo jeito, pois eu nunca ia desistir do meu objetivo”; “eu gosto de estudar e eles têm que respeitar o meu gosto” e “com certeza eles aprovam, só que eu estudo o dia inteiro e não queria, mas acabou cedendo”.

Ao discutir sobre as normas e valores da juventude contemporânea, Charlot (2007) recorre a Roudet (2005) e observa que, quando o sujeito reivindica a “livre disposição de si” e a pretensão de ter autonomia para escolher o que considera ser melhor para si, se não está apenas voltado para o pessoal, não deve ser classificado como “individualista”, mas sim em processo de “individualização”, ao buscar

mesmo, a partir de seus valores, o que deseja fazer, ter ou ser. Para Charlot (2007), embora isso não signifi jovens só pensem em si mesmos, nem que tenham todos os direitos e não se preocupem com as normas prevalecido esse tipo de atitude, quer dizer, a busca da liberdade individual em conjunto com o desenvolvim detrimento de instituições de regulação coletiva que passaram a ter menos influência.

Entre as jovens pesquisadas, apesar de serem provenientes de classes populares e diferentes dos homens e no que tange à liberdade de se conduzir devido ao fato de serem mulheres dependentes que vivem sob ur hierárquica, observou-se, em algumas das respostas, uma demonstração de "individualização", ao se most ao enfrentamento de eventuais impedimentos à sua educação. Arelado a isso, coube também a elas fi conseguir um bom emprego a fim de obterem autonomia financeira, certamente cada vez mais buscando s mulheres mais velhas da região, como suas mães, tias e avós, muito mais dependentes e subordinadas maridos.

Dificuldades na escola

À pergunta "você sente ou já sentiu alguma dificuldade na escola", 77,3% dos jovens responderam "sim", do homens e 74,2% das mulheres (tabela 2). Eles sentem mais dificuldades em entender a aula (23,3%); de expressar opiniões na sala de aula, diante dos professores ou dos colegas (19,2%); em fazer as atividade trabalhos extra-classe (16%); em estudar, sozinho (11%) e em entender os livros (11%), neste último c aos livros didáticos (tabela 3).

Tabela 2 – Respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em duas escolas públicas Sergipano, à pergunta "Você sente ou já sentiu alguma dificuldade na escola", 2010/2011

Respostas	Homens	%	Mulheres	%	Total	%
Sim	52	84,0	98	74,2	150	7
Não	10	16,0	34	25,8	44	2
Total	62	100,0	132	100,0	194	1

Fonte: MENEZES, 2012.

Tabela 3 – Respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em duas escolas públicas Sergipano, à pergunta "Se respondeu sim, em relação a que você sentiu ou sente dificuldades", 2010/2011

Dificuldades	Homens	%	Mulheres	%	Total
Em entender a aula	16	19,3	35	25,7	51
De se comunicar, expressar opiniões	12	14,5	30	22,1	42
Em fazer as tarefas (atividades) de casa; trabalhos da escola	18	21,7	17	12,5	35
Em entender os livros	9	10,8	16	11,8	25
Em estudar, em estudar sozinho	7	8,4	17	12,5	24
Em escrever	10	12,0	6	4,4	16
Em ler	6	7,2	3	2,2	9
Sociabilidade: relacionar com as pessoas, timidez, preconceito	1	1,2	3	2,2	4
Outros (provas, interpretação de texto, problemas pessoais, seminários, relação professor-aluno, em aprender, calcular polinômios)	2	2,4	6	4,4	8

Não respondeu	2	2,4	3	2,2	5
Total	83	100,0	136	100,0	219

Fonte: MENEZES, 2012. Obs.: alguns jovens pesquisados deram mais de uma resposta.

Perguntou-se aos 150 jovens que declararam que sentem ou já sentiram alguma dificuldade na escola se faz para superá-las e a maioria (72%) respondeu que "sim", mas não se observou grande diferença no percent dos homens (75%) e das mulheres (70,4%) (tabela 4).

Tabela 4 – Respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em duas escolas públicas Sergipano, à pergunta "Você fez ou faz alguma coisa para superar as dificuldades", 2010/2011

Respostas	Homens	%	Mulheres	%	Total
Sim	39	75,0	69	70,4	108
Não	13	25,0	28	28,6	41
Não respondeu	0	0	1	1,0	1
Total	52	100,0	98	100,0	150

Fonte: MENEZES, 2012.

Sobre "o que fazem" para superar as dificuldades, as respostas variaram entre vencer "lutas" e "batalhas estudar sozinho, estudar nas férias para recuperar as notas, "estudar em dobro", "dando o melhor de s atenção nas explicações dos professores; pedir ajuda aos colegas, aos irmãos, aos pais, aos professc "experientes" e "inteligentes"; perguntar mais na sala de aula para tirar as dúvidas; participar mais, inclus melhor com colegas, reunindo-se com eles para estudos em grupo. Uma jovem respondeu que busca se "agr colegas que estão por dentro do assunto" e um rapaz admitiu que tenta mudar seu comportamento, pois : em se relacionar. Outras respostas foram ler outros livros, além dos indicados pelos professores e até "ap pedindo-lhe auxílio e entendimento. Uma moça recorreu à metáfora de futebol para explicar seu procedim um jogo de futebol, ou seja, driblo todas as dificuldades, fazendo com que as barreiras sejam som aprendizagem". Outra procura relaxar da seguinte forma: "esqueço as dificuldades e coloco algo de bom n pego o livro para ler e escuto o som". Uma jovem revelou que busca "entender a aula, mas não entra na *cal* de um rapaz consiste em "dormir no ônibus escolar", a fim de repousar durante o trajeto e chegar "descansa

Dos jovens pesquisados que sentem alguma dificuldade na escola, 68,7% – 52% dos homens e 77,6% responderam que sempre têm quem os ajude a superar as dificuldades escolares. Não obstante, quase 30% não têm ninguém que os auxilie e, dentre os homens, o percentual chegou a 44,2% (tabela 5), inclusive a rapaz, foi: "eu mesmo, com minha sede de vontade"; porém, permanece em aberto a questão sobre a situ rurais que, diante das adversidades, não desenvolveram a mesma tenacidade para superá-las.

Tabela 5 – Respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em duas escolas públicas Sergipano, à pergunta "Quando você sente dificuldades na escola, alguém lhe ajuda a superá-las", 2010/201

Respostas	Homens	%	Mulheres	%	Total
Sim	27	52,0	76	77,6	104
Não	23	44,2	21	21,4	43
Não respondeu	1	1,9	1	1,0	2
Às vezes	1	1,9	0	0	1
Total	52	100,0	98	100,0	150

Fonte: MENEZES, 2012.

Dentre os 104 jovens pesquisados que obtêm ajuda quando enfrentam dificuldades na escola, 46,2% revelam amigos e colegas de classe que lhes auxiliam, como explicado por uma moça: “minhas colegas me ajudam estudando juntas e aí melhoram as coisas”; embora um dos rapazes tenha observado que “algum dos colegas pede alguma ajuda eles dão, mas tem alguns que não dão”. Vale observar que 51% das mulheres recebem ajuda de colegas e amigos em relação a 35% dos homens. Os professores também foram citados como aqueles que ajudam a superar as dificuldades em 28% das respostas, bem como os familiares, sejam primos, irmãos, tios, pais, etc. Destaque para estas, em um total de 23% das menções, além de, em menor quantidade, os conhecidos e outros (tabela 6).

Tabela 6 – Respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em duas escolas públicas Sergipano, sobre quem os ajuda a superar as dificuldades escolares, 2010/2011

Respostas	Homens	%	Mulheres	%	Total
Amigos, colegas	15	34,9	51	51,0	66
Professores	12	27,9	28	28,0	40
Familiares (primos, irmãos, tios)	6	14,0	5	5,0	11
Familiares (pais)	6	14,0	5	5,0	11
Familiares (mãe)	3	7,0	8	8,0	11
Conhecidos	0	0	2	2,0	2
Namorado(a)	1	2,3	1	1,0	2
Total	43	100,0	100	100,0	143

Fonte: MENEZES, 2012. Obs.: alguns jovens pesquisados deram mais de uma resposta.

Em suma, geralmente os jovens rurais pesquisados encaram as dificuldades na escola e, apesar de determinadas matérias – não por causa do conteúdo, mas, devido à complexidade envolvida –, a maioria é relevante ao estudo. É oportuno considerar e avaliar o quadro apresentado, ainda mais se o problema da reprovação for adicionado, já que o percentual de reprovação entre os sujeitos desta pesquisa é de quase 60%, bem acima do observado no Brasil – por sua vez, classificados como muito elevados – e que, segundo dados do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (SAEB/INEP, 2005), são da ordem de 13% para o total do ensino fundamental, 11,5% para o ensino médio e 17,7% para o ensino fundamental no rural.

Ademais, alguns alunos foram reprovados até cinco vezes durante sua vida escolar, de modo que a falta de ajuda para superá-las pode ser um dos motivos das reiteradas reprovações e da defasagem idade-estudantes rurais do sertão sergipano. Isso resulta em prejuízo não só para o aluno, ao permanecer mais tempo na escola quando poderia trabalhar ou cursar o nível superior, como também para os pais, assentados e agricultores que abdicam da cooperação dos filhos na lida do campo, e para o governo, que continuará investindo no aluno sem alcançar o nível de ensino necessário.

Repetência escolar

A maioria dos jovens pesquisados (56,2%) ficou reprovado, pelo menos, uma vez durante o período escolar. Há uma expressiva diferença no percentual de homens (53,2%) e de mulheres (57,6%) reprovados. Quando ambos os gêneros, o percentual é alto e isso pode explicar a defasagem idade/série dos jovens pesquisados. 58,7% dos matriculados no primeiro ano do ensino médio estavam acima dos 15 anos, com idade entre 15 e 17 anos, no segundo ano, 62% estavam acima dos 16 anos, com faixa etária entre 17 e 25 anos e, no terceiro ano, 62% estavam entre 18 e 29 anos, dos quais 56,3% mulheres e 12,5% homens, quer dizer, a quantidade de mulheres na última série do ensino médio é bem maior do que a dos homens na última série do ensino médio.

Tabela 7 – Respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em duas escolas públicas

Sergipano, à pergunta “Você já repetiu de ano”, 2010/2011

Respostas	Homens	%	Mulheres	%	Total	%
Sim	33	53,2	76	57,6	109	56,9
Não	29	46,8	55	41,7	84	43,1
Não respondeu	0	0	1	0,8	1	0,5
Total	62	100,0	132	100,0	194	100,0

Fonte: MENEZES, 2012.

Dos jovens que sofreram reprovação – de 109 jovens rurais, 76 mulheres e 33 homens –, a maioria (60,6%) reprovada uma vez, tanto os homens (60,6%) como as mulheres (60,5%); mas, 28,4% foram reprovadas enquanto que outros jovens, embora em menor percentual, reprovaram entre três e até cinco vezes (tabela 8).

Tabela 8 – Respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em duas escolas públicas Sergipano, à pergunta “Quantas vezes repetiu de ano”, 2010/2011

Respostas	Homens	%	Mulheres	%	Total	%
1	20	60,6	46	60,5	66	60,6
2	7	21,2	24	31,6	31	28,4
3	3	9,1	2	2,6	5	4,6
4	1	3,0	3	3,9	4	3,7
5	2	6,1	0	0	2	1,8
Não respondeu	0	0	1	1,3	1	0,9
Total	33	100,0	76	100,0	109	100,0

Fonte: MENEZES, 2012.

Entretanto, ser reprovado parece que não é algo considerado como tão grave entre esses jovens porque, quantas vezes repetiram de ano, uma moça que aos 18 anos estava matriculada no segundo ano do ensino regular e “*somente dois anos*” e assim explicou o motivo: “reprovei [*sic*] um ano porque era criança, não estudei, e reprovei [*sic*] no primeiro ano em português porque sentia muita dificuldade, não entendia a explicação da professora”.

Dos jovens que foram reprovados, 36,3% “culparam” a si mesmos, quer dizer, à sua falta de interesse, inatividade, que brincavam muito ou deixavam de estudar e de assistir as aulas para namorar (tabela 9).

Tabela 9 – Respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em duas escolas públicas Sergipano, à pergunta “Por que você repetiu de ano”, 2010/2011

Respostas	Homens	%	Mulheres	%	Total	%
Dificuldades	10	29,4	33	41,8	43	39,1
Desinteresse	17	50,0	24	30,4	41	37,3
Doença	1	2,9	6	7,6	7	6,4
Trabalho	1	2,9	3	3,8	4	3,7
Transporte	1	2,9	3	3,8	4	3,7
Desistência	0	0	3	3,8	3	2,8
Companhias	1	2,9	2	2,5	3	2,8
Prova, recuperação	1	2,9	2	2,5	3	2,8

Professor	1	2,9	2	2,5	3	2
Bullying	0	0	1	1,3	1	0
Faltas	1	2,9	0	0	1	0
Total	34	100,0	79	100,0	113	1

Fonte: MENEZES, 2012.

Obs.: dos 109 jovens rurais que já foram reprovados, alguns deram mais de uma resposta a esta pergunta.

Algumas respostas das mulheres foram: "eu não queria estudar, só pensava em brincar na aula"; "eu não ficava brincando com os colegas"; "acho que no final do ano houve um desinteresse na [sic] escola, pois falta de interesse"; "reprovei [sic] por falta de interesse"; "acho que não me interessei, achava que não"; "não estudei o bastante para conseguir"; "muitas vezes eu ia para a rua namorar e ficar com colegas"; "por e mais dedicação à matéria"; "não estudei bastante o quanto devia, não ligava muito para fazer os deveres de escola" e "às vezes tinha um pouco de preguiça e não me interessava muito na escola".

Alguns dos homens que passaram pela reprovação apresentaram os seguintes motivos: "5ª série, um ano porque brinquei o ano todo"; "não me interessei o bastante"; "não me dediquei"; "falta de interesse, mas eu reprovar [sic]"; "por desinteresse e descuido, brincando demais nas aulas"; "fui incompetente e não me prestava atenção nos estudos"; "porque vacilei muito"; "porque eu ia à escola e ficava no pátio, não ia a"; "não vinha ao colégio, ficava na rua"; "não queria nada" e "namorei muito", dentre outras respostas parecidas.

Quase 40% dos jovens rurais revelaram dificuldades de entender os assuntos ou as matérias. Um dos rapazes de tempo para estudar, dois enfatizaram a timidez para tirar dúvidas e fazer perguntas aos professores e se incapazes, sem base ou preparação, principalmente aqueles que saíram do ensino fundamental menor no cursar o ensino fundamental maior na cidade. Além da mudança de escola, com novos professores e colegas despreparados para acompanhar os temas desconhecidos e a dinâmica escolar diferente, com várias disciplinas pelo respectivo professor.

Em suma, as causas principais foram a falta de interesse para estudar e as dificuldades de entender o assunto este último para quase 42% das mulheres em relação a cerca de 30% dos homens, enquanto que a primeira 50% das respostas dos homens e 30% das mulheres. Deduz-se, então que, entre os jovens rurais pesquisados apresentaram mais dificuldades em relação ao curso e os homens se revelaram mais desinteressados com a matéria.

No que diz respeito às dificuldades enfrentadas pelos jovens, em virtude de suas semelhanças, nem toda. Para uma moça, a reprovação deveu-se à saída da escola do campo para estudar na cidade, na época do ensino maior: "porque era muito nova para mim, escola, professoras, colegas... foi quando eu passei para 5º ano". Os obstáculos apresentados foram: "eu não consegui a nota necessária"; "por não ter conseguido uma boa nota nas duas vezes"; "eu não estava preparada para esse tipo de assunto"; "não tive capacidade de ser aprovada"; "capacidade de obter o objetivo"; "na vez que reprovei [sic], não sabia fazer meu nome e só era aprovado"; "foi logo quando comecei a estudar e era difícil"; "era uma matéria muito difícil"; "foi no início, aí sentia dificuldade"; "não entendia o que a professora explicava"; "não tenho ninguém para me ajudar nos assuntos na escola"; "não entendi os assuntos e reprovei [sic]"; "era muito ruim em física"; "tive dificuldade em conseguir compreender muito o inglês e tive muita dificuldade"; "não entendo matemática"; "não consigo matemática. É muito difícil para mim"; "tenho muita dificuldade em matemática"; "sou tímida e tinha vergonha de professora repetir o que não estava entendendo" e "não me saí bem em português".

Algumas moças mencionaram dificuldades em "assuntos", "matérias" ou "conteúdos", enquanto que outras falaram nas disciplinas que lhes eram problemáticas, como inglês, geografia, ciências, português, física e matemática. Falaram das dificuldades de entender a explicação dada pelos professores e das dificuldades no "início", ou séries iniciais (aprender a ler e a escrever) como na mudança do ensino fundamental menor/escola do campo para o ensino fundamental maior/escola urbana.

Alguns rapazes explicaram o porquê da reprovação: “não tinha tempo para estudar, então sentia dificuldade expressar durante as aulas, o que acabou me prejudicando”; “eu achava que não tinha aprendido o assunto”; “não aprendi a ler direito”; “não estava preparado para passar de ano”; “tenho muita dificuldade em matemática”; “tenho dificuldade de aprender” e “não entendi a matéria de português”.

Dos que foram reprovados, apenas três jovens (2,7% das respostas) se queixaram dos professores: “dentro de cinco professores passaram por minha escola e a última não aprovou nenhum aluno”; “às vezes porque chego no ano, faltava algum décimo e eles não ajudavam” e “o professor não me deu dois décimos”. Três jovens (2,7%) alegaram que as “más” companhias de colegas os desencaminharam, por isso, sofreram reprovação: “uma pessoa que me incentivava a não assistir as aulas”; “porque me deixei levar por amigos e acabei repetindo as aulas”; “amizades impróprias”.

Os problemas de transporte também mereceram atenção como motivo da reprovação porque, quando não tinham como ir para ir à escola, os jovens rurais faltam às aulas, inclusive às provas, e isso acaba por prejudicá-los. O trabalho listado como a causa de terem sido reprovados: “precisava trabalhar com meus pais” (mulher, duas vezes reprovada); “trabalhar, perdia muitas aulas e no fim do ano acabava desistindo” (mulher, duas vezes reprovada); “não conseguia estudar e trabalhar ao mesmo tempo” (mulher, quatro vezes reprovada) e “tive que trabalhar, daí não pude estudar” (homem, duas vezes reprovado). Por fim, uma jovem mencionou o *bullying* como a razão da única reprovação. Ela foi reprovada em Sergipano, embora tenha ido para outro estado e lá os alunos ficavam tirando onda porque ela era sergipana, então ficou parecendo que ela não pertencia ali”.

O sentido de ser um bom aluno

Tabela 10 – Respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em duas escolas públicas de Sergipano, à pergunta “Você se considera um bom aluno”, 2010/2011

Respostas	Homens	%	Mulheres	%	Total	%
Sim	50	80,6	123	93,2	173	86,9
Não	12	19,4	7	5,3	19	9,7
Mais ou menos	0	0	2	1,5	2	1,0
Total	62	100,0	132	100,0	194	100,0

Fonte: MENEZES, 2012.

O total de jovens que não se consideraram bons alunos ficou em torno dos 10%, destacando-se que foram homens e apenas 5,3% das mulheres em relação a seus respectivos estratos (tabela 10). Esses jovens citaram os seguintes aspectos: que “sentem dificuldades”, que “não são inteligentes” e que “não se esforçam e não prestam atenção”. As mulheres expuseram: “por mais que eu me esforce e sempre estude muito e faça todos os trabalhos, não consigo passar de ano”; “porque me esforço bastante, mas não sou inteligente”; “eu não presto muita atenção porque pretendo mudar para melhor”; e, dos homens: “bom aluno é aquele que se esforça, se considera gênio e eu às vezes, eu [me] esqueço de estudar”; “eu sou um pouco relaxado”; “eu não me importo com as notas”; “eu não me interessar pelas aulas”; “converso muito na sala com os colegas e não presto atenção nas aulas”; “tenho dificuldade em matemática”; “sinto dificuldade em física” e “tem tempos que não estou com o cérebro [sic] bom”.

Tabela 11 – O sentido de ser um bom aluno para os jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em duas escolas públicas do Alto Sertão Sergipano, 2010/2011

Respostas	Homens	%	Mulheres	%	Total
Bem comportado e educado	14	23,0	40	22,0	54
Esforçado, dedicado, interessado, busca aprender	12	19,7	31	17,0	43

Faz atividades, os trabalhos, pesquisa, faz as obrigações	8	13,1	22	12,1	30
Tira boas notas	8	13,1	17	9,3	25
Presta atenção	6	9,8	13	7,1	19
Estudioso, estuda bastante/muito, estuda sempre para as provas, gosta de estudar	0	0	17	9,3	17
Interage, participa	3	4,9	7	3,8	10
Aprende com facilidade, é inteligente	0	0	9	4,9	9
Não falta às aulas	0	0	7	3,8	7
Respeita/respeitado pelos professores e colegas	3	4,9	2	1,1	5
Não fica de recuperação	2	3,3	2	1,1	4
Os professores gostam, elogiam	0	0	3	1,6	3
Nunca é reprovado	1	1,6	2	1,1	3
Outras	2	3,3	9	4,9	11
Não respondeu/Não sabe	2	3,3	1	0,5	3
Total	61	100,0	182	100,0	243

Fonte: MENEZES, 2012. Obs.: alguns jovens pesquisados deram mais de uma resposta.

Mas, quase 90% dos jovens rurais pesquisados se consideram bons alunos e, para esses, qual o sentido aluno (tabela 11). Segundo os depoimentos obtidos: o bom aluno é aquele que é “bem comportado”, “faz “tira boas notas”, além disso, “não falta às aulas”, “gosta de estudar”, é “interessado, esforçado e dedica “aprende com facilidade”, é “inteligente”, “respeita e é respeitado pelos professores e pelos colegas”, “os pro dele”, é um aluno que “interage”, “participa”, “faz perguntas”, “presta atenção”, “não vai para a recuperação cerca de 1% dos jovens, provavelmente, devido ao alto índice de reprovação entre eles, o bom aluno é aquele reprovado”. Parece também que os jovens rurais pesquisados priorizam o “bom comportamento” e “ser esfor pode ser verificado na resposta de uma jovem: “tirar boas notas não quer dizer que é um bom aluno e sim faço”, ou de outra, que observou: “apesar de não entender bem todos os assuntos, sou comportada e faço sala”. De fato, “ser bem comportado” e “educado” em sala de aula é sinônimo de “ser bom aluno”, de acordo respostas.

Dentre as observações das 40 mulheres (22% das respostas) que se consideram boas alunas comportamento, foram selecionadas algumas: “sou bem comportada, não converso na hora que o explicando”; “eu não acho que dou trabalho na sala de aula”; “não sou de *bagunçar em sala* [ou seja, fazer fico atrapalhando os outros alunos]; “nunca dei trabalho algum para os professores”; “sempre me comporto e na escola também” e “nunca levei suspensões e não dou trabalho aos representantes da sala”.

No mesmo sentido, dos homens que se consideram bons alunos, 23% das respostas enfatizaram o bom segundo algumas justificativas: “não bagunço, não atrapalho a aula e não gazeio”; “meus professores não re comportamento”; “não bagunço, não dou trabalho aos professores, nem para a direção”; “eu sou compo aula”; “não dou trabalho para a direção com brigas, coisas assim e tiro notas relativamente boas” e “não quando é preciso, faço o que os professores pedem e sou bastante aplicado”.

A partir das duas últimas explicações, nota-se que alguns jovens citaram mais de uma categoria, a saber: busco fazer todas as atividades, estudo bastante para as provas e respeito os professores”; “porque os pro me elogiam, tiro sempre notas boas e não fico de recuperação”; “não bagunço e tenho facilidade de ap interagir em todas as aulas” e “porque sou muito esforçada, presto muita atenção e não converso muito na s

alguns relatos, pelo menos duas categorias foram citadas e, em alguns casos, até três, de forma que dos 1 que compõem a amostra desta pesquisa, foram obtidas 243 respostas à pergunta em pauta.

Desse total, cabe registrar que 43 respostas (17,7%) classificam como "bom aluno" aquele que se esforça, e aprender sempre; em 30 respostas (12,3%) o "bom aluno" é aquele que faz suas "obrigações", como os trabalhos e as pesquisas; e em 25 respostas (10,3%) refere-se ao que "tira boas notas", enquanto que o não lembrado só em três das 243 respostas.

É fundamental destacar que em relação ao alto índice de repetência escolar verificado, isso não necessariamente, que seja pelo fato de serem estudantes rurais, tampouco porque são filhos de agricultores assentados da reforma agrária. Charlot (2005, p. 54) observa que "se um aluno fracassa na escola, não porque pertence a uma família popular, é porque não estuda ou porque não o faz de maneira eficaz" e, com rurais pesquisados admitiram que foram reprovados por falta de interesse – em maior percentagem os dificuldades – neste caso, em maior percentagem as mulheres. Apesar de a maioria ter ressaltado que "fazer para superar as dificuldades, como pedir auxílio aos professores e aos colegas, há a probabilidade de o pedido ser tão evidente ou de ter sido efetiva a eventual ajuda, a ponto de dois estudantes chegarem a ser reprovados cinco vezes.

Parafrazeando Charlot (2005, p. 91), se "o homem não é uma realidade dada, mas algo que se constrói", e se constrói na escola. Portanto, as reiteradas reprovações não devem significar que para se construir como mesmo que se desconstruir, de forma que, ao término, incorporem a ideia de que as experiências vivenciadas na escola se limitem a estar em um local para conhecer pessoas, fazer amizades e se divertir, especialmente a escola tornou-se um pouco mais acessível aos jovens de origem rural.

CONCLUSÕES

Com base na análise, pode-se afirmar que os jovens rurais pesquisados apresentaram alguns avanços, como obterem a aprovação e apoio dos parentes para que estudem; em contrapartida, pontos negativos foram citados como dificuldades de entenderem as aulas, em expressarem suas opiniões, em se comunicarem, em participar de atividades, bem como a compreenderem os livros didáticos e, sobretudo, a defasagem idade-série da maioria dos jovens rurais, uma reprovação durante a vida escolar.

Dos que sentem dificuldade, a maioria respondeu que tem alguém para ajudá-los, mas uma pequena parcela dos jovens rurais, não tem auxílio nas tarefas escolares, provavelmente, uma das causas do alto índice de reprovação. A maioria dos jovens rurais, em particular as mulheres, tem defasagem idade-série, tendo alguns sido reprovados várias vezes. Para os jovens rurais, ser bom aluno consiste em, acima de tudo, ser bem comportado, fazer as tarefas e tirar boas notas.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **EDUDATABRASIL** – Sistema de Estatísticas Educacionais. Ministério da Educação e Cultura / Instituto de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Brasília: 2005. Disponível em [www.inep.gov.br](#). Acesso em 02 jan. 2012.

BRUMER, Anita. A problemática dos jovens rurais na pós-modernidade. In: CARNEIRO, Maria José; CASTRO, Elisa Guaraná de (Orgs.). **Juventude rural em perspectiva**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. p. 35-51.

CARNEIRO, Maria José. Juventude rural: projetos e valores. In: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro (Orgs.). **Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Instituto de Estudos e Pesquisas Educacionais Perseu Abramo, 2005. p. 243-261.

CASTRO, Elisa Guaraná de. Terceira sessão: balanço e perspectivas. In: CARNEIRO, Maria José; CASTRO, Elisa Guaraná de (Orgs.). **Juventude rural em perspectiva**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. p. 11-12.

(Orgs.). **Juventude rural em perspectiva**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. p.128-135.

CHARLOT, Bernard. Valores e normas da juventude contemporânea. In: PAIXÃO, Lea Pinheiro; ZAGO **Sociologia da Educação**: pesquisa e realidade brasileira. Petrópolis (RJ): Ed. Vozes, 2007. p. 203-221.

_____. **Relação com o saber, formação dos professores e globalização**: questões para a educação ho ARTMED, 2005.

DIAGNÓSTICOS das cadeias produtivas do leite e derivados (bovino e caprino) e frutas irrigadas (acerola, e no Alto Sertão Sergipano. Período de 30 de outubro a 12 de dezembro de 2008. Estudo de Viabilidade Técnica Programa de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido Sergipano. Aracaju: Iber-Geo International SL; Gov 2008. 107 p.

MENEZES, Isabela Gonçalves de. **Jovens rurais no sertão sergipano**: escolarização e identidades culturais Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Educação/Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão (SE), 2011.

SPOSITO, Marília Pontes. Algumas reflexões e muitas relações entre juventude e escola no Brasil. In: / Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni (Orgs.). **Retratos da juventude brasileira**: análises de uma pesquisa Paulo: Instituto Cidadania; Editora Fundação Perseu Abramo, 2005. p. 87-127.

[1] Mestre e doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe, membro do Grupo de Estudos e Pesquisas Educação e Contemporaneidade (EDUCON), bolsista de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). E-mail: isagmenezes@gmail.com.

[2] Pesquisa de mestrado sob a orientação do Prof. Dr. Bernard Charlot, realizada nos anos 2010/2011, cuja dissertação, em fevereiro de 2012. A dissertação, disponível no Banco de Teses e Dissertações da CAPES, tem como título *no sertão sergipano: escolarização e identidades culturais*.

[3] Não obstante, é fundamental salientar que estas foram respostas de moças matriculadas no ensino médio que teriam a dizer as jovens rurais que não estudam. A evasão do terceiro ano em relação ao primeiro ano e com destaque entre as moças teria a ver com a não aprovação dos parentes. No espaço empírico desta pesquisa, as perguntas ainda sem respostas.

[4] Castro (2007) e Brumer (2007) observam que estudar em uma escola urbana é, para as jovens, um passo na busca de certa individualização e, em segundo lugar, por intermédio do casamento ou emprego, mas a autonomia só é alcançada com a saída da casa dos pais.